

Bloco de Notas

O mundo em 2003

Alexandra Paulo Coelho

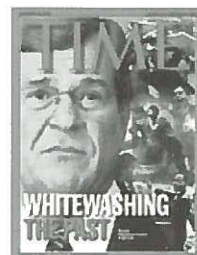
Segundo o *The Economist*...

Como habitualmente, *The Economist* lançou um número especial com as suas previsões para 2003. Sendo impossível resumi-lo todo, destacamos o que os analistas da revista britânica esperam para os EUA e para o Médio Oriente. George W. Bush irá continuar a desempenhar "um papel em que se revelou surpreendentemente bom: o de polícia do mundo". Tudo indica que as coisas continuarão a correr bem para o Presidente norte-americano, primeiro porque "a guerra contra o terrorismo é interminável" (ao contrário do que foi a guerra do Iraque para Bush pai), e em segundo lugar porque os americanos consideram que os objectivos da actual política externa servem efectivamente os interesses do país. No entanto, apesar da recente vitória dos republicanos em eleições parciais, "a América em 2003 continuará a ser um país dividido politicamente, e nem os republicanos nem os democratas irão conseguir uma vantagem clara". Perante isto, e com as eleições presidenciais de 2004 a aproximarem-se, Bush terá que pensar em formas de conquistar os votos moderados e, segundo o *The Economist*, para o conseguir apostará sobretudo em questões de política interna, continuando a seguir uma linha dura (mais próxima de Rumsfeld do que de Powell) na política externa. Quanto ao Médio Oriente, os analistas do *Economist* confessam vislumbrar poucos sinais encorajadores, mas arriscam: a situação no Irão permite alguma esperança. O Presidente reformador Mohamad Khatami tentará aproveitar a crise no Iraque para enfrentar os seus rivais conservadores. O resto da região (à excepção do Iraque, claro) deverá conhecer poucas mudanças, com os líderes a optarem pela prudência e as relações entre sauditas e americanos a deteriorarem-se ainda mais. Em Israel, Sharon sentir-se-á menos seguro do apoio do seu povo. 📰



... a *Time* ...

As atenções da revista norte-americana centram-se no «eixo do mal» definido por George W. Bush. É provável que em 2003 assistamos a uma guerra no Iraque, a revoltas estudantis no Irão e «talvez» ao desarmamento na Coreia do Norte. Apesar dos esforços de Saddam para não dar aos EUA uma razão para atacar, será difícil que a missão dos inspectores de armamento seja bem sucedida. Até porque a Administração Bush quer avançar com esta guerra que, esperam os responsáveis em Washington, deverá conduzir a uma maior democracia no resto do Médio Oriente. Mas a *Time* prevê que os estudantes iranianos «cheguem lá primeiro». Se o Presidente Khatami não conseguir o reforço de poder que tem vindo a exigir, pode optar por se afastar, o que levaria a maioria reformadora no Parlamento a acompanhá-lo, fazendo mergulhar o Irão num crise de legitimidade e pondo em causa o regime islâmico. Por outro lado, se a guerra no Iraque se complicar, os conservadores poderão reagir lançando o golpe que os reformistas tanto temem. Quanto à Coreia do Norte, «Washington vai tentar adiar a crise até resolver o problema iraquiano». Por seu lado, Pyongyang «poderá surpreender toda a gente, concordando em desmantelar o seu programa» nuclear. A *Time* destaca ainda a China, onde prevê que o novo líder, Hu Jintao, tenha uma margem de manobra bastante limitada pelo seu antecessor Jiang Zemin, e que passe «os primeiros anos no poder a tentar afastar os homens de Jiang» em vez de resolver os problemas do país. Por fim, os analistas acreditam que haverá nova explosão de violência entre hindus e muçulmanos na Índia, onde a direita hindu continua a sua ascensão e onde a 12 de Dezembro assistiremos a eleições no estado de Gujarat, já palco em 2002 de violência étnica. 📰



... e o *Courrier International*

O *Courrier* (que edita também as previsões do *The Economist*) destaca três ideias-chave para 2003. A primeira é que a guerra contra o terrorismo da al-Qaida vai continuar. «Assistiremos a ações pontuais e sangrentas, umas vezes na Ásia, outras em África ou no Médio Oriente, e talvez na Europa», mas «não veremos o 'hiperterrorismo' anunciado por vários peritos depois do atentado contra as Twin Towers». Os responsáveis da revista francesa mostram-se convencidos de que Osama bin Laden e os seus seguidores «não têm a tecnologia nem a logística para usar armas biológicas ou químicas de grande envergadura». Segunda ideia-chave: depois de dois anos de incerteza, vamos assistir ao regresso do crescimento económico em vários países. Por fim, num sinal de grande optimismo, o *Courrier* considera que 2003 será o ano da Europa, em grande parte porque «o crescimento do Velho Continente e o dinamismo das suas empresas contribuirão fortemente para a retoma». Mas também porque 2003 será o ano do alargamento. De salientar ainda a questão turca: «a eventual entrada da Turquia no clube obriga os europeus a reflectir sobre si próprios e a definir o seu destino». 📰

